



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CAMPUS CAMPINA GRANDE – PB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC - I**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**  
**HABILITAÇÃO EM ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**

**ORIENTADOR/A EDUCACIONAL NA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA SALA DE  
AULA**

**CLAUDIA NASCIMENTO MAGALHÃES**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**JULHO 2012**

**CLAUDIA NASCIMENTO MAGALHÃES**

**ORIENTADOR/A EDUCACIONAL NA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA SALA DE  
AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Relatório) apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia e Habilitação em Orientação Educacional.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Ms. Marta Lúcia de Souza Celino

**CAMPINA GRANDE – PB  
JULHO 2012**

M270o Nascimento, Cláudia Magalhães.  
Orientador/a educacional na mediação de conflitos na sala de aula [manuscrito] / Cláudia Nascimento Magalhães. – 2012.  
46 f. : il. : color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.  
“Orientação: Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>. Marta Lúcia de Souza Celino, Departamento de Educação”.

1. Orientação educacional. 2. Mediação de conflitos. 3. Sala de aula. I. Título.

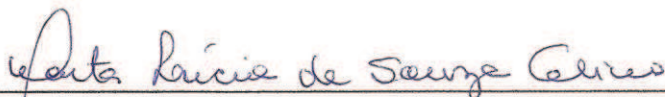
21. CDD 344.810

**CLAUDIA NASCIMENTO MAGALHÃES**

**ORIENTADOR/A EDUCACIONAL NA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NA  
SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Relatório)  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,  
como requisito para obtenção do grau de  
Licenciatura em Pedagogia e Habilitação em  
Orientação Educacional.

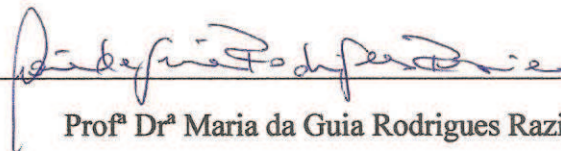
Relatório aprovado em: 03/07/12



---

Profª Ms. Marta Lúcia de Souza Celino / UEPB

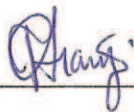
Orientadora



---

Profª Drª Maria da Guia Rodrigues Razia / UEPB

Examinadora



---

Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB

Examinadora

Campina Grande, 03 de julho de 2012.

## *AGRADECIMENTOS*

*A concretização deste trabalho tornou-se realidade não apenas pelos meus esforços e dedicação, mas pela **colaboração e incentivo a mim transmitidos.***

*Durante os quatros anos que me dediquei à graduação, contei com a incansável colaboração de várias **pessoas, as quais sempre serei grata.***

*Ao meu **DEUS** que é fonte da sabedoria e força, proteja-me todos os dias com amor e graça, ensinando o caminho que devo andar.*

*A minha **família** de perto e de longe, pelo amor, carinho e cuidado, apoio e compreensão, pois com as demandas de atividades, muitas vezes precisei me ausentar, estando presente e/ou adiei as visitas e viagens.*

*Aos/as **professores/as** da UEPB nos diversos Componentes Curriculares, que com seus saberes contribuíram não apenas com a minha formação teórica, metodológica e prática de ensino e aprendizagem, mas que culminou na dimensão pessoal e profissional. E em especial a: **Marta Lúcia de Souza Celino, Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Sebastián Sánchez Martín, Tereza Cristina Vasconcelos, Zélia M. Arruda Santiago, Lígia Pereira dos Santos, Célia Maria de Assis, Maria da Guia Rodrigues Rázia, Antônia Farias de Araújo, Edilazir Lopes, Elizabete Carlos Vale, Marinalva Freire, Cícero Augustinho**, pela oportunidade de mediar e apontar o caminho não só da escrita, leitura, mas se preocupavam, em prol da transformação e consciência para uma Pedagogia para o desenvolvimento humano através do conhecimento e diálogo.*

*A querida **Turma 2007.2** “de tudo ficou um pouco, não pouco, não pouco” pela oportunidade de caminharmos na realização e efetivação de uma etapa das nossas vidas, agradeço com muito carinho esses anos de aprendizado, amizade e subsídio para a minha formação.*

*As **amistosas amizades pessoais** e significativas presentes sempre com disponibilidade, dedicação nesse período da minha existência.*

*As minhas amigas do Curso de Pedagogia **Wanderléia Farias Santos, Mônica Cristina Dantas de Souza, Jackeline Lúcia de Araújo da Silva, Indianara Braga Silva, Maria de Fátima Almeida Rangel, Jubilene Tavares Alves, Terezinha Monteiro da Silva, Ires Mendes Ramalho, Alzira Clara Batista de Sousa, Arline Nóbrega Marques e Maria de Fátima Leal do Nascimento** por sempre acreditarem em mim, e pelo apoio nos momento difíceis, sei que vocês vão além das perspectivas, o meu carinho e admiração.*

*Agradeço Coordenadores/as, Equipe Técnica em particular a Secretária Lindete Monteiro Melo, pelo excelente atendimento as demandas pedagógicas com competência fazendo a diferença para um mundo melhor.*

*Aos/as distintos Estudantes nos diversos Estágios, em particular a Escola Municipal Epitácio Pessoa, pois sem eles/elas esse trabalho não teria sido concretizado.*

*As minhas mães Severina Paulina do Nascimento e Severina Barbosa (in memoriam), pelo amor e carinho.*

*Ao meu pai José Ferreira, por tudo que significa na minha vida, agradeço a preocupação e as muitas noites sem dormir que Deus o recompense.*

*As minhas queridas irmãs: Ana Maria da Costa Dalence do Nascimento, Noêmia Pereira, Claudete Santos Ferreira, (in memoriam), Erica Gomes Oliveira, Ana Paula Sharlotty Kimberly, Lêda Farias, Ruth Fernandes, Wanderléia Farias Santos, Mônica Cristina Dantas de Souza, Mayara Tavares de Freitas, Jackeline Lúcia de Araújo da Silva, Indianara Braga Silva, Michelle Patrício, Carmem Silva, Luana Nascimento, Lauana Nascimento. Maria Nascimento, Yasmin da Silvia Ferreira. Agradeço a Deus por ter o privilégio desse amor fraterno, a caminhada com vocês é suave e alegre... As amo muito.*

*Aos meus queridos irmãos: João Batista Santos Ferreira, João de Deus do Nascimento, Jerônimo Nascimento (in memoriam), Carlos Alberto Ferreira, Klebson Pereira, Kelflin Dalence do Nascimento, Levi Costa Dalence do Nascimento, Filipe Farias, João Victor Farias, Lucas Rjan do Nascimento Davi da Silva Pereira. Agradeço pelo apoio e colaboração.*

*As amistosas amigas, Rosemary Roque de Aquino, Eliane Pereira de Araújo, Mário de Souza Araújo, Osminda Pereira de Araújo, Luís de Sousa Lima, que acompanharam todo esse meu percurso, além do apoio afetivo muito me auxiliaram na dimensão do conhecimento, e apontando nortes.*

*As minhas amadas tias, Luzia Ferreira Félix Araújo (in memoriam), Rosa Ferreira (in memoriam), Margarida Ferreira, Lourdes Ferreira, Josefa Paulina do Nascimento, Antonia Paulina do Nascimento. A afeição e o carinho que sempre me dedicaram.*

*As minhas amadas sobrinhas, Ana Beatriz Santos Ferreira, Núbia Santos, Nívia Santos, Sunamita Santos, Laura Costa Dalence ao olhar para vocês, sinto que a vida nasce a cada dia.*

*As/os primas/os, Sônia Maria Ferreira, Vera Lúcia Ferreira, Rosângela Ferreira, Jociene Bispo dos Santos, Silvana Bispo dos Santos, Márcia Bispo dos Santos, Janesete Bispo dos Santos, Sônia Roque*

*Nascimento, Carlos Alberto Ferreira, Emanuel Bispo dos Santos, Marcos Roque Nascimento, pela pelos  
bons tempos de infância.*

*Ao Amor da minha vida, **Geraldo Macedo dos Santos**, por ter chegado à hora certa, trouxe  
inspiração e novos horizontes. Eu te amo!!!*

## *DEDICATÓRIA*

*Dedico ao **Autor** da minha vida, “a **Ele** toda honra, toda glória e todo louvor, por que Dele e por **Ele** são todas as coisas.”*

*Romanos 11:36*



## *EPÍGRAFE*

*Amar as pessoas [...] Não sei muitas coisas, mas é necessário acreditar nas pessoas .*

*É necessário rir com elas, Porque [...] aprender com elas*

*e ao [...] aprender com elas [...] poderemos ensiná - las.*

*Paulo Freire.*

NASCIMENTO, Claudia. **Orientador/a Educacional na Mediação de Conflitos na Sala de Aula**. 03 de julho de 2012. 46 p. (Trabalho de Conclusão de Curso / Relatório) Licenciatura em Pedagogia e Habilitação em Orientação Educacional – Curso de Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB. Brasil.

## RESUMO

O presente relatório final descreve Ações que foram desenvolvidas no Estágio Obrigatório Supervisionado da Prática – IV de Orientação Educacional no Curso de Licenciatura em Pedagogia-UEPB. O campo de Estágio foi definido a partir da solicitação de uma Escola Municipal da cidade de Campina Grande-PB que atende ao público dos bairros Pedregal e Centenário, áreas com incidência de violência, que por sua vez, repercutia nas atividades da escola. A escola sinalizou no segundo semestre do ano de 2010 a implementação de uma proposta para o desenvolvimento humano de ações que possibilitassem repensar as diferenças multiculturais (FREIRE, 1996) nos relacionamentos interpessoais em sala de aula, a exemplo da indiferença, isolamento e silenciamento de determinado grupo de estudantes. Este, portanto, veio a se constituir como objetivo principal do Trabalho de Conclusão de Curso: **narrar às experiências vivenciadas na escola campo de estágio como foco a proposta de desenvolvimento humano**. Nessa perspectiva de reflexão o trabalho foi voltado para a pedagogia do cuidado com ações através da ludicidade. Com o aporte teórico da Orientação Educacional tem – se em vista o desenvolvimento bio-psico-cognitivo dos/as estudantes no sentido para fortalecer os laços afetivos. A intervenção foi através do **tema gerador brinquedos e brincadeiras**, com o desenvolvimento de uma sequência didática, constituída por: apresentação, listagem no quadro, representação gráfica, pintura, leitura, narração, socialização, reescrita em grupo e individual, texto impresso com as narrativas coletivas, confecção de fantoche e apresentação contando sobre brinquedos e brincadeiras da preferência dos/as estudantes. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo-etnográfico. As ações realizadas no espaço escolar foram baseadas na leitura dos teóricos: Nérice (1980), Porto (2009), Freire (1996); Pimenta (2010), Chrispino (2007), Vinha (2009), Fante (2005), Maluf ( 2009) entre outros/as. Durante as atividades percebeu-se maior aproximação acerca das diferenças entre os/as estudantes. **É papel também do/a Orientador/a Educacional intervir com ações, para efetivar a cultura de paz na escola, com a Medição de Conflitos no cotidiano escolar** que se estenderá por toda a sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orientação Educacional. Mediação de Conflitos. Estágio. Relatório.

## RESUMÉN

Este informe final se describe las acciones que se desarrollaron en la etapa obligatoria Supervisada Práctica – IV de Orientación Educación en el Grado de Pedagogía en UEPB. La etapa de campo se estableció a partir de la solicitud de una escuela municipal en la ciudad de Campina Grande-PB, sirviendo al público de los barrios de Pedregal y el Centenario, áreas que tienen incidencia de la violencia, que a su vez llegó a la escuela. La escuela se indica en el segundo semestre de 2010 para poner en práctica una propuesta para el desarrollo de las acciones humanas que permitan repensar las diferencias multiculturales (Freire, 1996) sobre las relaciones interpersonales en el aula, la indiferencia por ejemplo, el aislamiento y el silenciamiento de ciertos grupo de estudiantes. Esto, por lo tanto, llegaron a constituir el principal objetivo del trabajo Fin de curso: volver a contar las experiencias en el campo de la escuela de formación, con especial atención a la propuesta de desarrollo humano. Para reflejar esta perspectiva, el trabajo se ha centrado en la pedagogía del cuidado de las acciones de la no violencia, con alegría. Con el aporte teórico de la Orientación Educativa para el desarrollo bio-psico-cognitiva de los / las estudiantes con el fin de fortalecer los lazos de afecto. La intervención fue a través de tema generador los juguetes y los juegos, con el desarrollo de una secuencia didáctica que consiste en: presentación, lista en la tabla, gráfica, pintura, lectura, narración de cuentos, la socialización, grupal e individual rescrito, impreso con los relatos conferencias, toma de títeres y la presentación hablando de juguetes y juegos de preferencia / las estudiantes. La metodología de la investigación es cualitativo-etnográfico. Las acciones llevadas a cabo en la escuela se basa en la lectura de los teóricos: Nérice (1980), Porto (2009), Freire (1996); Pimenta (2010), Chrispino (2007), Vinha (2009), Fante (2005), Maluf (2009) entre otros / as. Durante las actividades se dio cuenta de un mayor acercamiento atenuadas sobre las diferencias entre los estudiantes. También es de papel / a asesor / Educación intervenir ante las acciones que afectan a una cultura de paz en la escuela, con la medición de los conflictos en la vida escolar que se extienden a la sociedad.

**PALABRAS CLAVE:** Orientación Educativa. Medición de los conflictos. La Etapa. Informe.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>1 BREVE HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL</b>	<b>15</b>
<b>1.1 As Ações do/a o Orientador/a Educacional na atualidade</b>	<b>17</b>
<b>1.2 O/a Orientador/a Educacional na Mediação em Sala de Aula</b>	<b>18</b>
<b>1.3 O Estágio Supervisionado de Orientação Educacional e suas Implicações</b>	<b>21</b>
<b>Práticas</b>	
<b>2 ESCOLA CAMPO DA PRÁTICA IV</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Procedimentos Metodológicos</b>	<b>26</b>
<b>2.2 As atividades que antecederam ao Estágio</b>	<b>28</b>
<b>2.3 As atividades do Estagio</b>	<b>29</b>
<b>3 A PRESENÇA DE CONFLITOS NA ESCOLA A PARTIR DO OLHAR DE UMA ESTÁGIARIA</b>	<b>32</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>A – Cronograma / 2010</b>	
<b>B – Cronograma / 2010 - 2011</b>	
<b>C – Sequência Didática</b>	

## INTRODUÇÃO

A preocupação deste Relatório Final é narrar às experiências vivenciadas na escola campo do estágio Supervisionado IV (Orientação Educacional) **OE**, tendo como foco uma proposta voltada ao desenvolvimento humano.

No dicionário relatório, “ é definido como considerações às quais chegaram uma pessoa encarregada de efetuar uma pesquisa, ou de estudar um problema, projeto, exposição e apresentação do essencial de sua própria atividade ou de um grupo” (HOUSS, 2009).

O estágio realizou-se no segundo semestre do ano de 2010 e a escolha do campo se deu para atender ao pedido formal da Escola Municipal do Ensino Fundamental Epitácio Pessoa, em Campina Grande–PB. Esta escola atende ao público dos Bairros: Pedregal e Centenário, áreas que tem graves incidências de violência, que por sua vez chega até a Escola.

O universo do estágio compreendeu 265 estudantes, mas me limitei a uma amostra representada por uma turma com 25 estudantes do 3º ano, no turno da manhã.

Houaiss (2009) define estágio profissional como “[...] período de prática, aprimoramento, habilitação, processo contínuo das etapas na realização de algo”.

O conhecimento da realidade do contexto escolar é um indicador para a preparação ao adentramento ao ambiente, tanto em termos de observação como de intervenção durante o estágio. Como afirma, a seguir, Pimenta.

No estágio dos cursos de formação de professores, compete possibilitar que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional. (PIMENTA, 2010, p.43).

Além do estágio ser relevante para a elaboração de proposta de formação continuada dos/as professores, o que reflete na identificação de contradições sociais com a universalização do ensino, importa pensar quais são os limites, possibilidades e alternativas para se desenvolver uma prática eficiente.

A experiência no estágio marcou-me em diferentes sentidos: acadêmica, pessoal e profissionalmente. Participando do cotidiano escolar com a mediação de conflitos fui tocada pelos sentidos na troca e construção da realidade escolar, o que trouxe informações novas e outras que reforçaram a minha aprendizagem, propiciando aliar a teoria estudada na Universidade à prática, realizada na escola, além da vivência de momentos inesquecíveis.

Conforme Freire (1996, p. 53) “importa coragem por falar sobre a paz, justiça e não violência em busca de transformação, que só se dá a partir da compreensão de todos os nossos sentimentos enquanto seres humanos e a coragem e vontade de lutar e mudar o mundo ao nosso redor”.

O Estágio forneceu conhecimentos e vivências para a qualificação e clareza da função da Orientação Educacional. Nele identifiquei com mais precisão os conflitos nos relacionamentos e a busca de meios para trabalhar o respeito, as interações para uma convivência amigável e contribuir para um ensino de qualidade.

Salienta-se que as ações foram realizadas por meio da **Orientação Educacional na Mediação de Conflitos**, fundamentada em uma vivência que se trabalhou com o tema gerador: **Brinquedos e Brincadeiras**. A experiência foi efetivada a partir de uma **sequência didática** com apresentação do projeto, listagem no quadro, representação oral e gráfica, pintura, leitura, narração, socialização, produção do gênero textual carta, reescrita em grupo e individual, texto impresso com as narrativas coletivas, confecção de fantoche e apresentação contando sobre brinquedos e brincadeiras da preferência dos/as estudantes.

A partir de um trabalho de investigação foram identificadas nas atitudes dos/as estudantes, agressividades verbais e físicas e bullying, em sala de aula, que geravam atitudes de indiferença, isolamento e silenciamento dos/as estudantes. Percebi a necessidade de realizar a intervenção no sentido de, implantar e difundir ações educativas pacificadoras, tais como diálogo, respeito, responsabilidade e solidariedade, entre outros. Esses indicadores são fundamentais para promover a desconstrução das indiferenças e ampliação nas interações.

Compreendo que é papel também do/a Orientador/a Educacional intervir com essas ações no cotidiano escolar, partindo do individual para o coletivo, propondo efetivar a cultura de paz na escola que se estenderá para a comunidade local.

A pesquisa de acordo com Pimenta (2008) contribui para aprimorar a prática, abrangendo processos que fornecem dados e vivências para a qualificação. A clareza da função da Orientação Educacional no cotidiano escolar permite identificar com precisão os conflitos e encontrar meios de trabalhar o respeito ao próximo, a importância das interações para uma convivência amigável; para contribuir para um ensino de qualidade; para fortalecer os vínculos afetivos em relação às demais pessoas, percebendo as diferenças, reconstruindo relacionamentos através do diálogo; quanto ao respeito e nas posturas que evidenciam preconceitos, desmistificando a inferioridade de grupos étnicos raciais de gêneros, culturas e a efetivação das identidades individuais e de grupo.

As ações que resultaram neste Relatório seguiram a abordagem metodológica baseada na investigação no campo de pesquisa, numa perspectiva qualitativa descritiva, estabelecendo uma relação entre as ações teorizadas da Orientação Educacional e as experiências vividas no espaço escolar, no qual se desenvolvem relações de gênero, étnicas, de diversidade e inclusão social. A proposta descrita ao longo do Relatório está fundamentada nas ideias de Nérice (1980), Porto (2009), Freire (1996); Pimenta (2010), Chrispino (2007), Vinha (2009), Fante (2005), Maluf (2009) entre outros/as.

O trabalho ficou assim estruturado no primeiro capítulo encontra-se um breve histórico da Orientação Educacional, sua contribuição com ações em sala de aula e as implicações práticas do estágio. No segundo apresento a escola campo, os procedimentos metodológicos e as atividades do estágio. No terceiro capítulo descrevo a presença dos conflitos na sala de aula, a partir do olhar de estagiária. E, por fim, faço as considerações finais.

Espera-se que este relatório contribua para os estudos que estão sendo desenvolvidos acerca do papel do/a Orientador/a Educacional, particularmente sobre a importância desse/a profissional para a mediação de conflitos no contexto escolar, e como fonte para realização de outros estudos.

## 1 BREVE HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Etimologicamente, a palavra Orientação significa “orientar, acompanhar e ajudar” (HOUAISS, 2009) e isto pressupõe uma relação de compartilhamento, convivência, cuidado entre os seres humanos e o meio.

Segundo Nérici (1980, p.11) a Orientação Educacional (OE) no início do século XX surgiu, nos Estados Unidos, com o objetivo de orientar estudantes na escolha profissional, ampliando-se para a vida pessoal e social.

No Brasil em 1931, a primeira tentativa foi do psicólogo Lourenço Filho, quando diretor do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, criando o “Serviço de Orientação Profissional e Educacional”, originando assim os fundamentos da concepção da OE nas escolas públicas.

Foram as transformações sociais, econômicas e históricas, com a sistematização do ensino que criaram a necessidade de um/a profissional que desempenhasse o papel de mediação entre a escola/estudantes/sociedade. A princípio, a concepção de OE no Brasil era percebida como psicologia terapêutica e corretiva, porém muitos foram os conceitos relacionados ao seu significado.

Grinspun (1987, apud MELO, 1994 p.71-75) faz uma descrição das atribuições pioneiras da OE, dividindo sua atuação em períodos históricos, bem como apresenta a legislação que lhes dão sustentação.

1º Implementar – 1920-1940 as atividades isoladas baseada em modelo importado;

2º Institucional – 1942-1950 surgimento legal de O.E. nos Artsº 50, 51 e 52 do Decreto Lei nº 4073, de 03.01.42, da Lei Orgânica do Ensino Industrial;

3º Transformador – 1961- 1970 surge a Lei 5564/68 sobre o exercício da profissão de O.E. nas escolas;

4º Disciplinador – 1972 – 1980 - Lei 5692/71, Art. 10º enfatiza o aspecto individual dos interesses e aptidões profissional dos alunos.

5º Questionador – 1980 – 1990 não mais é obrigatório o ensino profissionalizante com a Lei 7.044/82 A OE exercida junto os/ estudantes, escola, família e sociedade, instrumento de facilitação.

A Lei 5564/68, “que provê sobre o exercício da profissão de Orientador/a Educacional” regulamentada pelo Decreto nº 72.846, de 26 de setembro de 1973, especialmente nos Artigos: 1º, 2º, 5º, 8º e 9º pormenorizam o exercício da profissão da OE quanto à especificidade e suas atribuições de orientar os estudantes, individual ou em grupo, no âmbito do ensino fundamental I e II, visando o desenvolvimento integral e harmonioso da



personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando para as escolhas básicas.

A atividade profissional ficou restrita aos licenciados/as em Pedagogia habilitados em OE. O exercício da OE no âmbito público ou privado deveria abranger planejamento, coordenação, aconselhamento, estudos, pesquisas, análises, pareceres, funcionando em nível de escola, comunidade, serviço público federal, municipal, autárquico, sociedades de economia mista, empresas estatais, paraestatais e privadas.

Era considerada, também, função da OE coordenar a orientação vocacional do/a estudante, incorporando ao processo educativo de informação global, interesses, aptidões e habilidades, profissional, encaminhamentos a outros/as especialistas, acompanhamento pós-escolar. Poderia, ainda, ser considerada função da OE a ministração componentes de Teoria e Prática da Orientação Educacional supervisionar e acompanhar estágios na área.

Outras atribuições como a de participar no processo de caracterização da clientela escolar; a ajuda da elaboração do currículo da escola, composição, caracterização e acompanhamento de turmas e grupos, avaliação, recuperação, integração escola-família-comunidade, a realização de estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional se constituiu como ações específicas do/a OE.

O Estatuto Municipal dos Servidores do Município de Campina Grande (Lei complementar nº 036 de 08 de abril de 2008) estabelece que a OE deva ser capaz de:

Artº 48 [...] participar na elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos tendo em vista o desenvolvimento integral do/a estudante apoiando a família e o corpo docente, para uma aprendizagem eficaz, além de:

I - Executar, a partir dos critérios estabelecidos, a organização de classes e de grupos;

II- Assessorar o trabalho docente, acompanhando o desempenho dos professores em relação ao processo ensino e aprendizagem, o processo de avaliação e apoio pedagógico aos discentes;

III- pesquisar as causas do baixo desempenho escolar, sugerindo ações que possam reduzir os problemas identificados;

IV- Acompanhar e atualizar os registros dos/as alunos/as por parte dos professores, bem como manter atualizado o perfil das turmas;

V- Participar do Conselho de Classe e, quando designado, presidir o mesmo;

VI- Promover atividades de integração escola e família;

VII- Incentivar o desenvolvimento de atividades tais como: programas preventivos de saúde, higiene e segurança, atividades culturais, artísticas e outras;

VIII- Auxiliar os alunos na identificação de suas habilidades e competências para que possam fazer opções mais acertadas em relação às suas decisões de escolha;

IX- Participar de pesquisa na área e atividades afins.

Na contemporaneidade, a partir das constantes transformações sociais que chegam até a escola, sente-se a necessidade da OE redefinir o seu campo teórico, desenvolvendo na escola um trabalho integrado, participativo e interdisciplinar com os/as demais profissionais que lá trabalham, tendo em vista uma integração e reconhecimento com os problemas concretos que envolvem a comunidade escolar e seu currículo, estabelecendo uma interlocução que tenha sentido contextual e melhores perspectivas para a educação de qualidade, que o fundamento da OE quando Nérice, (1980 p.11) afirma está “No reconhecimento das diferenças individuais [...] que em qualquer fase da vida necessita de orientação”.

O/A orientador/a educacional é um/a profissional que procura apoiar o/a orientando/a na dimensão: pessoal, social e também junto aos demais profissionais da educação no processo de ensino e aprendizagem, visando o pleno desenvolvimento do/a estudante em seu preparo quanto à humanização, cidadania e a qualificação para o trabalho.

### **1.1 AS AÇÕES DO ORIENTADOR/A EDUCACIONAL NA ATUALIDADE**

As questões desafiantes do/a orientador/a educacional perpassam como afirma Porto “As questões do dia-a-dia da escola [...] violência, rivalidade, competição, descompromisso, individualismo, autoritarismo [...] Raramente são alvo de uma análise crítica ou de propostas de ação refletidas na perspectiva de uma realidade histórico-social”. (PORTO, 2009, p. 72).

Na contemporaneidade a OE está presente também com a mediação dos conflitos cotidianos escolares, e tem compromisso humano para a reflexão, criticidade e transformação, conforme assegura Porto (2009, p. 18) “nosso compromisso é com as pessoas para que não somente passem pela escola [...] não apenas para a preparação para o trabalho, mas para sua postura de SER NO MUNDO”.

A escola em sua função, principal, visa formar saberes que proporcionem liberdade de escolha e autonomia em relação às constantes mudanças sociais e a OE, inserida nesse campo, têm o papel de contribuir de maneira prática-reflexiva com as questões políticas pedagógicas e as de ordem comportamentais que envolvem os/as estudantes e os/as professores/as na realização dos objetivos educacionais. Concordo com Porto (2009, p.75) e diz a autora que “Não é impondo conceitos tidos como bons, certos, verdadeiros, mas deixando que [...] descubram suas próprias experiências.”.

As ações da OE no contexto escolar precisam estar baseadas na atitude crítico-reflexiva com todos/as da escola, que constroem conhecimentos a partir de suas experiências

e referências culturais a exemplo dos/as estudantes que se expressam e se fazem entender, não só através das palavras, mas com gestos e atitudes, pois têm seus códigos que produzem sentido e enunciam conhecimento em um processo gradual de descobertas de si e dos outros/as trazendo autoconhecimento, não se negando os conflitos, mas aprendendo a conciliar nas decisões cotidianas.

O momento da escola não pode ser desperdiçado com ações que não despertam o interesse ou que não façam sentido para os/as estudantes, é importante que os/as educadores proponham atividades escolares que valorizem os aspectos lúdicos, as habilidades, atitudes e formas de expressão para aperfeiçoar o processo formal de aprendizagem como alguém que realiza ações inteligentes, baseadas no entendimento e representadas sob a forma de linguagem.

É importante que na escola se conquiste o espaço da liberdade de expressão, do respeito às idéias divergentes, com que se criam também as condições para a superação dos entraves que se apresentam individual ou coletivamente.

O trabalho da OE necessita buscar a formação cidadã - não submissa e acabada. A atividade fundamental do Orientador/a deve buscar a criação de condições favoráveis para o diálogo acerca do significado dos conflitos de como ser no mundo numa sociedade em constantes mutações. O trabalho da OE se projeta no sentido da construção histórica, do sonho possível; trata-se de um direito que todo ser humano tem de preencher, com projetos e utopias, que separa a realidade existente e aquela que se pode aspirar (SILVA, 1994).

A Escola, em particular, deve responder por sua função social, não só voltada ao ensino de conteúdos sistematizados, a decodificação do alfabeto, ação da grafia e resoluções de problemas matemáticos. Como afirma (Silva, 1994, p.2) “Ter clareza da Função Social da escola e do homem que se quer formar é fundamental para realizar uma prática pedagógica competente e socialmente comprometida, particularmente num país de contrastes como o nosso”.

Neste sentido, temos a dimensão da complexidade de ensinar - o que é próprio da escola - ao mesmo tempo em que se deve se preocupar com que ser humano se quer formar e quais as virtudes que precisam estar presentes nas ações educativas. Esse é o tema que será tratado no próximo item, quando se reportará ao papel da OE na mediação de conflitos.

## 1.2 O/A ORIENTADOR/A EDUCACIONAL NA MEDIAÇÃO EM SALA DE AULA

Mediação de conflitos escolares: Porque esse tema é pouco estudado na escola? E como se pode desenvolver para favorecer a formação e o entendimento?

Houaiss (2009) define Mediação: “ato ou efeito de mediar entre pessoas ou em grupos que tem pontos de vista divergentes acerca de uma determinada questão, com a finalidade amigável das partes”. E Conflito como “falta de entendimento entre duas ou mais partes, ato ou efeito de divergirem”. A mediação de conflitos surgiu nos Estados Unidos em 1960, há 52 anos, fora do âmbito escolar.

A partir de 1970 surgiram os centros de mediação comunitária e nas escolas Segundo Morgado (2009) foi na década de 80

Com os resultados do Programa de Mediação comunitária as atividades foram levadas para a escola, com a finalidade de ensinar os alunos a mediar seus conflitos. Progressivamente, os programas de resolução de conflitos no âmbito escolar foram se estendendo [...] Argentina, Espanha, Portugal, Polônia, Bélgica, Alemanha, Canadá, França, Grã-Bretanha, Suíça, entre outros. (MORGADO, 2009, Apud FONSECA, 2010, p 1).

No Brasil a mediação escolar é pouco discutida nos cursos de formação de professores e tem poucos programas, centros ou núcleos atuando nas escolas. Sales (2005, apud FONSECA, 2010, p 1), afirma que ela [a mediação de conflitos] se destacou como ‘Escola de Mediadores’ [...] “Projeto desenvolvido em 2000, em parceria com o Instituto NOOS, Viva Rio – Balcão de Direitos, Mediare e Secretaria Municipal de Educação, em duas escolas públicas do Rio de Janeiro”.

Quanto à legislação no Brasil, há uma proposta do Projeto de Lei de Mediação de Conflitos – “PL 94- versão julho 2006 Emenda nº 1 – CCJ ( substitutivo ao projeto de lei da câmara nº 94, de 2002), Institucionaliza e disciplina a mediação como método de prevenção e solução consensual de conflitos na esfera civil e de outras providencias”.

Há uma Câmara de Conciliação e Arbitragem da Paraíba. - bem como em Campina Grande - registra-se a sua falta no âmbito escolar. Entretanto, Chrispino (2007) afirma que “é possível, também pensar na introdução do tema mediação de conflito no currículo escolar, o que seria uma oportunidade para verbalizar e tornar claro o que se espera.” (CHRISPINO, 2007, p.23).

Os conflitos se apresentam de modo diferente a cada indivíduo e estão ligados aos princípios e atitudes de cada pessoa, cabe à escola focar para a valorização e a formação

cidadã. Porque não ficamos indiferentes aos relacionamentos interpessoais? Em concordância com Jares.

Treinamento na resolução de conflitos deve ocupar um lugar privilegiado na educação para a paz, seja pela relevância do conflito em todo processo humano, seja pelo elemento associado a todo processo educativo e relacionado com interações e convivência, seja finalmente, como recurso motivador. (JARES apud GUIMARÃES 2002-2003, p 21).

A OE pode subsidiar com a mediação escolar o trabalho do/a professor/a promovendo ações que estudantes a perceberem o/a outro/a, a agirem com solidariedade, a serem amigáveis e gentis, a conviverem com o diferente. Tais atitudes, por parte da OE, requer uma postura aberta à construção do diálogo necessário para viver bem consigo mesmo e com o/a outro/a.

Freire (1996) diz que é necessário refletir sobre a importância de compartilhar experiências que estimulem gestos e ações na percepção do diálogo e respeito às diversidades. Em conformidade para o autor o diálogo é uma.

Postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como fazem refazem. (FREIRE, 1996, p.123)

Guimarães (2002-3, p.14), postula que “Pensar a escola no contexto contemporâneo de violência/paz é complexo e desafiante para a educação. Pesquisas e estudos analisam a nossa dificuldade de lidar com a temática”. Discussões frente aos abalos na realidade escolar diante dos conflitos e violência e a função da escola com fins sistematizados para erradicar o analfabetismo, conscientizar dos direitos e deveres, e debater sobre as virtudes. Concordo com Martín (2007) quando ele afirma que.

É tanto tempo que os humanos passam na escola que ela deve ser considerada um lugar para estar e estar bem, feliz. E escola é um período importante da vida humana. Portanto ela deve ser um momento de vivência e um motivo de felicidade nunca de aborrecimento [...] É mais um novo desafio que não pode ser mais preterida. (MARTÍN, 2007, p. 170-172).

A escola confronta-se com a conjuntura de conflitos, tensões e crises, entre outros. A Declaração dos Direitos Humanos garante a todos além do direito a estudar, o direito à segurança. Será que estamos seguros? É preciso reflexão sobre o que fazer para construir uma sociedade com cultura de paz, a começar da família e escola?

Múltiplas manifestações de violência na sociedade estão na mídia, e trazem reflexos para a escola, por ser esta uma instituição da sociedade, como afirma Martín que a escola (2007, p. 171) “reproduz as mazelas da sociedade” tem sido atingida, considerando a

concepção e modelo e temporalidade que traz consequência para a educação por fazer parte de um processo histórico-social.

Para a cultura de paz é preciso mudar de atitudes e chegar a consensos quanto aos conflitos, dando lugar e vez à linguagem como diálogo, às narrativas e o lúdico são importantes na constituição de uma identidade na sociedade. Uma escola para paz implicaria na redefinição dos objetivos escolares. Concordo com Guimarães (2002-3) quando diz que

É preciso compreender a contribuição curricular de escola no processo de formação [...] começando a falar na violência, não apenas expressa, mas produzida na educação, [...] e os mecanismos instrumentais a serviço do poder, a contradição do currículo: legal e de ação com fins, métodos, conteúdos e formas. (GUIMARÃES, 2002-3, p. 18).

Kant (apud GUIMARÃES, 2002-2003, p.23) já defendia que “paz não é natural e deve ser instaurada” deve ser provocada para que os referenciais e identidades se distingam nas discussões acerca da paz. Voltar-se para a cultura de paz também na relação escola–estudantes, que se estende ao processo de ensino e aprendizagem envolvem interesses, intenções, interações e consequências. Postura que tem sua importância diante do ensino sistematizado com um objetivo que decorre: conteúdo, organização, sistematização, didática, exposição dialogada, resultados, processos construtivo, superação das limitações entre outros. É importante que essa relação esteja apoiada em afetividade, confiança, empatia e respeito.

### **1.3 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE ORIENTAÇÃO EDUCAÇÃO EDUCACIONAL E AS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS**

O Estágio Supervisionado IV é um componente curricular obrigatório no Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba, com a carga horária 360h e acontece no último ano do referido Curso. Uma atividade essencial à realização do estágio é a existência de um projeto voltado para o atendimento do público-alvo. Este, depois de aprovado pela professora orientadora passa a ser executado.

Descrevo, a partir desse ponto, as ações que foram realizadas no segundo semestre de 2010, na turma do 3º ano, com 25 estudantes faixa etária de 8 a 11 anos, no turno da manhã da Escola Municipal Epitácio Pessoa.

A experiência esteve voltada para a realização de debates e análise das relações estabelecidas entre a experiência e prática, fundamentada com referencial teórico-histórico-metodológico da integração na formação do/a Orientador/a Educacional na elaboração e

efetivação de propostas de ação pedagógica prática educativa inter-relacionada com os objetivos da escola e expectativas dos/as estudantes.

O Projeto para a intervenção apresentou uma proposta para o desenvolvimento humano de ações que possibilitasse repensar os comportamentos na perspectiva de reflexão dos/as estudantes envolvidos/as. O trabalho foi voltado para a pedagogia do cuidado visando “respeito pelos valores [...] da compreensão mútua e da paz” Delors (2003, p. 102). Foram trabalhadas ações que abordaram os relacionamentos no cotidiano escolar, a não violência, atividades educacionais que desenvolveram a ludicidade, e que permitiram uma convivência nos ambientes escolar familiar, com repercussão na sociedade.

As atividades foram direcionadas à valorização do individual e do coletivo no sentido do autoconhecimento e da comunicação interpessoal no espaço escolar, o fortalecimento dos laços afetivos, das diversas linguagens no ambiente escolar: corporal, verbal, musical, sonora, gráfica, gestual, entre outras, tendo em vista desmistificar estereótipos acerca de questões étnico-culturais e desconstruir a reprodução dos vários tipos de bullying, fortalecer as relações interpessoais gerados entre estudantes e professores.

## 2 ESCOLA CAMPO

A escolha do campo de estágio se deu por intermédio da professora supervisora do estágio junto à direção da Escola Municipal Epitácio Pessoa, na cidade de Campina-PB. A Escola citada atende ao público dos Bairros: Pedregal e Centenário, áreas que tem incidência de violência, que por sua vez chegava até a Escola.

FOTO 01: Frente da Escola Epitácio Pessoa



Fonte: direto arquivo pessoal (nascimento, Claudia, 2010).

A Escola Municipal do Ensino Fundamental-I Epitácio Pessoa está situada na Rua Osvaldo Cruz Nº 674; Bairro do Centenário, Campina Grande/PB. Inaugurada em 31 de março de 1965, na administração do prefeito Willians de Sousa Arruda, sua construção só foi possível mediante a doação do terreno pelo o Sr. Raimundo Viana, recebendo esse nome em homenagem ao político e ex-presidente brasileiro.

Na direção da escola já passaram oito gestores e duas gestoras adjuntas. As duas últimas gestões foram escolhidas através do voto direto da comunidade escolar. Há 9 anos, a escola passou a oferecer a sua clientela o ensino regular de 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental- I, distribuído nos três turnos de funcionamento.



O bairro do Centenário, ao longo dos anos sofreu várias melhorias no que diz respeito à infraestrutura local. Os primeiros moradores não dispunham de serviços essenciais como energia elétrica, esgotamento sanitário e fornecimento de água. Atualmente, o bairro tem aproximadamente seis mil habitantes. Possui serviços essenciais como: escola pública e privada, postos de saúde, PSF (Programa Saúde da Família) e CAPS (Centro de Assistência Psicossocial). O comércio local é diversificado, por farmácia, supermercados, lanchonetes, panificadoras, salões de beleza, bem como pequenas empresas de fundo de quintal. As ruas pavimentadas e/ou asfaltadas e a população local são beneficiadas com saneamento básico.

A responsabilidade de manutenção da instituição é da Prefeitura Municipal de Campina Grande, através da Secretária de Educação, Esporte e Cultura (SEDUC). A escola também recebe verbas do governo Federal oriundas de programas, tais como: PDDE (Dinheiro Direto da Escola) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola).

A maioria das famílias atendidas pela escola não possui renda fixa, trabalham esporadicamente em ofícios como: catadores, ajudantes de pedreiro, domésticas, faxineiras, lavadeiras, guardadores de carro, entre outros necessitando da ajuda de Programas Sociais do Governo Federal, como Bolsa Família e Programa do Leite; entre outros.

Em sua estrutura física a escola é composta de: 01 almoxarifado; 04 banheiros: 01 banheiro feminino para as alunas; 01 Banheiro feminino para os alunos; 02 banheiros para os funcionários; 01 biblioteca, 01 cozinha com depósito: 01 sala de professores; 05 salas de aula: 01 diretoria; 01 secretaria e 01 área externa para recreação.

De acordo com dados para o Censo Escolar 2010, a quantidade de alunos matriculados na Escola Municipal Eptácio Pessoa é a seguinte:

TURMA	TOTAL DE ALUNOS	NÚMERO DE TURMAS	TURNOS
PRÉ II	20	01	Tarde
1º CICLO INICIAL	47	02	Manhã / Tarde
1º C. INTERMEDIARIO	38	02	Manhã / Tarde
1º CICLO FINAL	34	02	Manhã / Tarde
2º CICLO INICIAL	35	02	Manhã / Tarde
2º CICLO FINAL	26	01	Manhã
1º CICLO	38	01	Noite
2º CICLO	26	02	Noite

TOTAL	264	03	Manhã / Tarde / Noite
-------	-----	----	-----------------------

Tabela I

As metas previstas no plano de ação do Projeto Político Pedagógico (PPP) são: a) melhorar em 90% as práticas pedagógicas da escola; b) elevar em 90% o nível de desempenho dos alunos/as do pré- escolar ao 5º ano; c) d) promover a integração escola e comunidade em 100%; e) elevar em 90% o nível sócio-cultural dos educandos; f) proporcionar em 100% um ambiente escolar inspirado nos princípios de igualdade e solidariedade humana e liberdade; g) contribuir em 100% para a construção de uma escola democrática.

As ações previstas são: a) elaboração e aplicação de instrumento para avaliação para detectar os/as educandos do pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental; b) realização de levantamento das dificuldades enfrentadas pelos professores em suas práticas pedagógicas; c) implementação da sala de leitura para as atividades de leituras diferenciadas com os estudantes do pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental; d) com o trabalho dos conteúdos de forma interdisciplinar de acordo com o sistema de ciclo; e) com promoção de mostra pedagógica anual para estimular a criatividade e a participação dos/as Estudantes no processo ensino aprendizagem; f) a construção juntamente do projeto “Família-Escola vamos formar essa aliança”; g) aproximar a família da escola; h) realização de encontros com a família para divulgar atividades desenvolvidas pela escola e o desempenho dos/as estudantes na formação de grupo de danças folclóricas para apresentações dentro e fora da escola; i) promoção de grupos de estudos com a equipe escolar sobre avaliação.

A escola pretende ainda, realizar parcerias com outras instituições que possibilitem melhorias no processo de ensino e aprendizagem, como: UEPB, Instituto Alpargatas, SESI, SESC, EMBRAPA, UFCG, entre outros.

Dentre as pretensões da escola podemos encontrar também: a) realização de rotina escolar de forma a serem obedecidos os horários de entrada e saída dos/as estudantes no cumprimento de 200 dias letivos, realização de reuniões bimestrais com os/as professores/as, equipe multiprofissional e demais para avaliar as ações desenvolvidas na escola; b) elaboração e cumprimento do cronograma de reuniões do conselho escolar; Construção e execução de projetos que abordem temáticas como: Paz nas Escolas, meio ambiente, sexualidade, higiene entre outras prioridades, bem como, a aquisição de alimentos com valor nutritivo adequado a faixa etária dos/as estudantes; c) Realizar intervenções junto os/as estudantes para conscientizá-los/as da necessidade de elaborar seus projetos de vida; Organizar cronograma para professores/as e estudantes utilizarem a sala de vídeo com temas selecionados, tais como: meio ambiente, sexualidade, violência, paz, projeto de vida, acervos

da TV Escola entre outros; d) Adquirir junto a Secretaria Municipal de Educação o laboratório de informática; Organizar grupo de estudos com a equipe multiprofissional, professores e funcionários/as para melhor compreensão do processo de educação inclusiva e possíveis intervenções juntos aos/as alunos/as que apresentam dificuldades de aprendizagem comprovadas por instituição competente.

## 2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa assumiu o caráter qualitativo-etnográfico. De acordo com Teixeira (2005, p.121), a pesquisa etnográfica se dá em “nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana”.

Mattos (2001, p. 01) afirma que a pesquisa etnográfica “Compreende o estudo, pela observação direta por um período de tempo” e pesquisa.

Pimenta (2008), fala sobre “Pesquisa na ação”, em específico a nossa experiência de pesquisa e estágio está voltada para a análise das relações estabelecidas entre a experiência teórica da formação inicial e a prática.

Assim, a abordagem metodológica baseada na investigação no campo orientou-se com planejamento das ações com o aporte teórico da Orientação Educacional, visando potencializar a adequada convivência dos/as estudantes consigo e com os/as outros/as, estabelecendo uma relação entre O.E. e contexto escolar no qual se desenvolve preconceitos raciais, de gênero, religiosos, etária, étnicos, diversidade, inclusão social, linguísticos, intergeracionais, financeiros, escolaridade, afetividade, direitos e deveres, cidadania ética, educação ambiental, com informações, conceitos, atitudes e os cuidados seguiu uma proposta dos teóricos: Nérice (1980), Porto (2009), Freire (1996); Pimenta (2010), Chrispino (2007), Vinha (2009), Fante (2005), entre outros/as. Tais atividades foram elaboradas com base nos pressupostos da educação inclusiva da Pedagogia Freiriana e na concepção de língua como ação intersubjetiva, sendo efetivadas no diálogo-interacional na sala de aula.

As metas iniciais foram: o reconhecimento da escola, da turma, a acolhida, apresentação da proposta, estimulação e fortalecimento da percepção da autoimagem e postura de si e dos outros/as, ampliada para situações didáticas que instigassem atitudes de cooperação, solidariedade, empatia, expressões verbais e corporais.

Considerar as “diversidades” culturais, de acordo com Edler (2004) e Rodrigues (2006), tem em vista desconstruir “bullying” Fante, (2005).

Quanto à importância do papel da O.E na Medição de Conflitos no cotidiano escolar foi sentida por meio da colaboração com a escola nas questões relativas aos cuidados com a “educação dos sentimentos”, conforme Sampaio (2004) e, ainda, em relação a qualidade dos relacionamentos forjados a partir do diálogo e aprimoramento no andamento das questões de ensino e aprendizagem.

A escola é um espaço social da educação sistematizada por pessoas diferentes, em suas com necessidades, possibilidades e expectativas diferentes. A escola também é responsável em discutir posturas dos “direitos e deveres” Caporali (1999) que garantam o respeito e valorização das diferenças.

As ações que antecederam o Estágio Supervisionado foram realizadas através de: leitura de textos, discussão, debates, aplicação e análise das atividades, apresentação de seminários/memorial, da pesquisa de campo, com registros, relatos de experiências, produção e defesa textual.

A sistematização das atividades se deu através da produção de relatórios - parcial e final - contendo as devidas etapas e o registro/análise das tarefas que foram realizadas, ao longo do estágio; refletindo sobre a necessidade/importância das contribuições da O.E. e a importância da Mediação de Conflitos.

No campo de estágio, as atividades encaminhadas foram interfaces entre teoria e a prática educativa do cotidiano escolar sendo investigado, examinado, proposto e acompanhado com práticas educativas viáveis às necessidades da escola, sobretudo dos/as estudantes, o que gerou o projeto de intervenção com uma proposta para o desenvolvimento humano com ações que possibilitassem repensar os relacionamentos em uma perspectiva de reflexão dos/as estudantes envolvidos/as.

A partir do pressuposto de que as pessoas aprendem a resolver seus próprios problemas, “[...] sendo capaz de caminhar para solução [...] com as reflexões necessárias”. (PORTO, 2009, 76), desenvolveu-se um trabalho voltado para a pedagogia do cuidado, visando uma melhor convivência com o próximo e com o meio. As atividades foram trabalhadas com ludicidade frente às ações que abordaram os relacionamentos no cotidiano escolar, a não violência, na expectativa de que aquelas ações resultassem em uma convivência melhor nos ambientes escolar e familiar, e porque não dizer, na sociedade.

As atividades de cooperação (ELIAS, 1997) foram direcionadas à valorização do individual e do coletivo no sentido do autoconhecimento, à comunicação interpessoal no espaço escolar, e ao fortalecimento dos laços afetivos (GARCIA, 2000) através de “múltiplas linguagens: corporal, verbal, musical, gráfica, gestual, entre outras, tendo em vista o

fortalecimento nas relações interpessoais gerados entre os/as estudantes/estudantes e professores/as.

## 2.2 AS ATIVIDADES QUE ANTECEDERAM AO ESTÁGIO

No primeiro encontro em 22 de agosto de 2010, A professora orientadora do Estágio Supervisionado disse:

A partir de agora, os conteúdos da Habilitação e Orientação Educacional são planos de ação, é necessário visita à escola. Vamos levar uma carta da coordenação do Curso de Pedagogia. Vamos observar e anotar a caracterização da escola, ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da Escola Eptácio Pessoa, que propõe saber a história da escola, os objetivos, quem são seus atores, quais as modalidades de ensino, como é o cotidiano escolar. Vamos elaborar um projeto de ação de intervenção a pedido formal da escola campo (ORIENTADORA DO ESTAGIO SUPERVISIONADO IV, NOTAS DE CAMPO), (NASCIMENTO, Claudia, 2010).

No segundo encontro em 1º de setembro de 2010 foram formadas e definidas as equipes e as turmas. Escolhi a turma do 3º ano. A professora da turma pediu um trabalho diferenciado e dinâmico em sua turma.

No terceiro encontro em 13 de setembro de 2010 aconteceu uma formação continuada na referida escola com a equipe de estágio, com as professoras da escola campo, a diretora e a equipe técnica para apresentação do projeto de intervenção e a palestra com o tema “O Contexto da Escola Atual”.

Como pressupostos de toda a ação estavam as ideias de que os que fazem a escola devem atentar para não ser subserviente. É preciso processo ético de resultados que não pode ser conteudista nem comungar com a políticas governamentais. É preciso observar o que tem levado a dispersão e o imediatismo. A escola necessita acreditar e por em ação um projeto coletivo com um cronograma voltado para a cidadania, ética, respeito e responsabilidade, diálogo, cooperação e solidariedade. O objetivo tem que ser o reconhecer a individualidade das diferenças, auto avaliação, formação continuada é apostar no projeto.

Estávamos ali para refletir e repensar: O que é ser uma boa professora? Que escola e que conteúdos são esses? Como trabalhar o tema articulado, em que concepção de currículo? O projeto precisa ter objetivos em comum, patrimônio que gera consciência e de material, o que queremos ter em sala de aula que conhecimentos a UEPB pode trazer para a escola?

Como dinâmica, foi sugerido um desenho do nosso autorretrato nos representando, assim nos apresentamos: somos importantes em nossas individualidades. Tal reflexão nos

levou a pensar quem sou eu? Sou minha amiga? O que quero para a minha turma? O que vou fazer para alcançar?

No quarto encontro, em 27 de setembro, houve uma reunião para discutir a formação continuada e as metas para serem alcançadas quanto ao projeto de intervenção. A partir de então foi elaborado o cronograma para ser executado no período de setembro a novembro de 2010, cujas datas estão respectivamente descritas adiante.

No quinto encontro, em 29 de setembro, ante a perspectiva de entrada na escola ficou estabelecido a acolhida e reconhecimento da turma com a proposta da sequência didática sobre o tema gerador brinquedos e brincadeiras, com narrativas oral e escrita para suscitar a auto imagem dos/as estudantes, com situações didáticas que movessem atitudes de respeito, responsabilidade, solidariedade tendo em vista o desenvolvimento humano nas relações em sala de aula e o exercício dos direitos e deveres através do diálogo.

No sexto encontro, em 04 de outubro, participamos com toda a escola campo do evento de uma amostra pedagógica com o tema Circuito Interdisciplinar com os eixos temáticos: brinquedos e brincadeiras, folclore, lendas, valores humanos, mundo da literatura, plantas medicinais, projeto alimentação, saúde bucal, DSTS, AIDS, diabetes, hipertensão, coreografia, música nordestina, apresentação do EJA conhecendo seu bairro, minha participação com apresentação de fantoches, depoimento de moradores do bairro sobre a fundação do bairro centenário. Estava muito instrutivo e um clima de alegria.

No sétimo encontro, em 25 de outubro, a professora orientadora do estágio recomenda “Quando você entra na escola, está sendo vista, vai ter que se submeter às normas - A sabedoria é maior que a intelectualidade. - A escola funciona com hierarquia tem que ser respeitada” (ORIENTADORA, NOTAS DE CAMPO).

No oitavo e nono encontros, em 06 e 13 de dezembro, aconteceram respectivamente a avaliação do estágio e a entrega do relatório à professora orientadora. Em particular como estudante estagiária tive uma boa experiência, que trouxe outros saberes. No estágio senti aceitação da diretora, equipe técnica, da professora e da turma. Agradeço à professora orientadora que sempre esteve presente com a teoria e orientações sobre uma boa prática.

### **2.3 ATIVIDADES NO ESTÁGIO.**

Segundo Pimenta (2010), ao se promover a relação entre teoria e prática na formação, se proporciona a aprendizagem de outros saberes, foi a partir dessa relação que o estágio proporcionou a análise do ambiente escolar e da ação da OE com a Mediação de Conflitos em

sala de aula. Neste contexto, apresento a experiência de atividades aplicadas de uma sequência didática com o gênero textual narrativo de estudantes da Escola Pública Municipal Epitácio Pessoa, cujo trabalho foi iniciado com uma oficina envolvendo o tema gerador brinquedos e brincadeiras.

O tema **brinquedos e brincadeiras** foi escolhido por ser um tema que faz parte do cotidiano da criança (MALUF, 2009; FRIEDMANN, 1996) e por se entender que o mesmo é de fácil aceitação e interesse em geral dos/as estudantes; ressaltando-se que o trabalho de intervenção sugerido tinha que partir de um referencial contextualizado.

No dicionário eletrônico Houaiss (2009), brinquedo é definido como “jogo de crianças, objeto com que as crianças brincam”; Brincadeira é apresentada como “ato ou efeito de brincar, divertimento, passatempo”. Na infância o brincar é “um divertimento que pode ser transformado em ensino” (VYGOTSKY, 1989) de forma prazerosa e momentos agradáveis que alcançam os níveis de desenvolvimento necessários e que amplia a disposição na aprendizagem.

Diante da discussão sobre brinquedos e brincadeiras, da necessidade de se desenvolver um trabalho de campo com “planejamento” (NEVES, 1986) a ser desenvolvido com a atuação da “prática” da O.E. (GRINSPUN, 1994), o estágio aproximou o olhar teórico-prático de forma pertinente à realidade encontrada na escola.

As atividades didático-pedagógicas que foram realizadas na escola se basearam nas seguintes ações: O primeiro encontro com os/as estudantes ocorreu no dia 10 de novembro de 2010, partindo de uma pauta que incluiu conversa espontânea sobre o tema gerador brinquedos e brincadeiras, listagem quadro-de-giz e representação gráfica.

Lista escrita pelos/as estudantes no quadro, brinquedos brincadeiras.

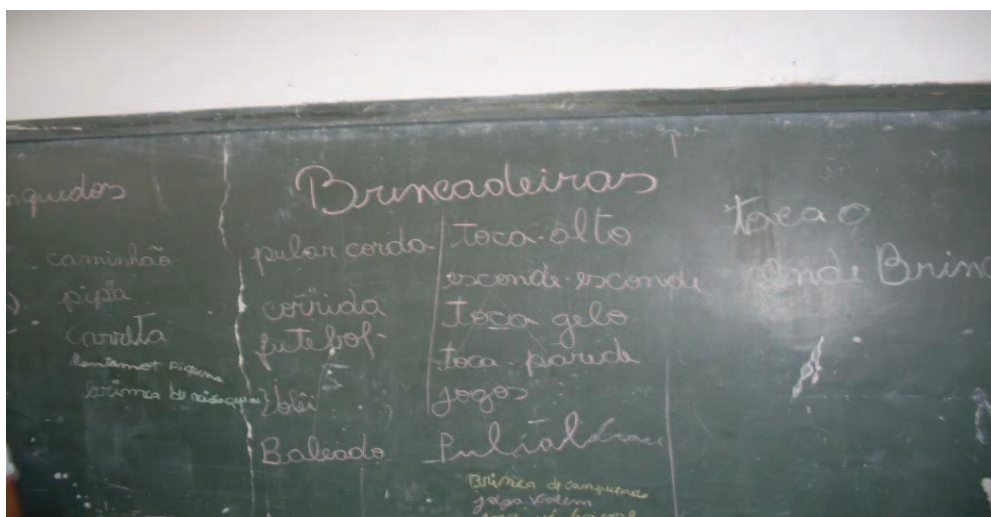


Foto 02 do estágio. Fonte direto arquivo de campo (NACIMENTO Claudia, 2010)

No segundo encontro, em 17 de novembro de 2010 foi priorizada a confecção de fantoches e a socialização sobre brinquedos e brincadeiras entre os/as estudantes e a professora.

No terceiro encontro, em 24 de novembro de 2010, teve lugar à produção textual do gênero narrativo carta, seguido de ilustração gráfica.

No quarto encontro, que ocorreu no dia 1º de dezembro de 2010, procedeu-se atividade de leitura do gênero textual narrativo, mediante a distribuição impressa das narrativas coletivas sobre brinquedos e brincadeiras.

As atividades realizadas no estágio promoveram maior aproximação entre os/as estudantes, principalmente as de confecções de fantoches e da apresentação da temática escolhida através das múltiplas linguagens educativas. Percebeu-se que as diferenças foram atenuadas nos seus relatos dos/as alunos/as.



### 3. PRESENÇA DE CONFLITOS NA ESCOLA A PARTIR DO OLHAR DE UMA ESTAGIÁRIA

Diante dos desafios da educação e das constantes transformações sociais é preciso reflexão da práxis pedagógico-metodológica dos conteúdos de ensino-aprendizagem, cujas reflexões se estendam para o desenvolvimento humano com responsabilidade e respeito. Chrispino (2007) se questiona sobre os conflitos que se depara cotidianamente na escola. Como mediá-los? Pergunta.

O conflito surge da diferença de opiniões e divergência de interpretações. Logo se a escola é o universo que reúne alunos diferentes, ela é palco onde certamente o conflito se instalará. E se o conflito é inevitável devemos aprender [...] esta técnica [...] da mediação de conflitos [...] procedimento no qual os participantes, com assistência de uma pessoa imparcial – O mediador coloca as questões em disputa com o objetivo de desenvolver opções, considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável. (CHRISPINO, 2007, p.22-23)

Para o ser humano vivenciar o respeito frente às diversidades é preciso não apenas usufruir da sua natureza social, mas adquirir uma capacidade contínua de cultivar relacionamentos estáveis em diferentes contextos sociais. Aqui se destaca a escola e, nesse sentido, a educação pode estimular tal capacidade, a partir da ética que tem como referencial a conduta humana nas escolhas. De acordo com os (PCN 2001: p. 31), “A ética diz respeito às reflexões sobre as condutas humanas”. E para Aristóteles, “a primeira finalidade da ética não é só agir, mas sim agir bem” é preciso reflexão para a construção das virtudes nos relacionamentos.

Atitudes agressivas entre as pessoas aumentam a cada dia, são palavras gestos que denunciam um estado de consciência alterado sem atenção para as consequências, seja de convivência, etnia, gênero, religião, discriminação social entre outros/as; onde está a paz tão desejada entre todos os povos? Não estaria dentro de cada um/a? Como proceder na mediação do conflito escolar? Vinha esclarece que

Na prática, diante de um conflito, a primeira ação é ver como naturais na relação educativa. Procurar sempre controlar suas reações, evitando a impulsividade [...] agir sem tomar partido como um mediador [...] descrevendo o problema, incentivando os alunos a falar sobre seus sentimentos e atos. É fundamental acreditar na capacidade dos alunos de solucioná-lo. Uma boa solução deve incidir sobre as causas e respeitar os princípios. (VINHA, 2009, p. 3).

No desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas, sobretudo nas narrativas elaboradas pelos/as estudantes em duplas em sala de aula e na confecção e o manuseio dos fantoches, foram observados com maior frequência conflitos nos comportamentos expressivos verbais: xingamentos, apelidos, piadas, discórdias, insultos; e outros de natureza física: socos, tapas, chutes, brigas entre pares, empurrões, puxões de cabelos e outros, vejamos alguns exemplos:

1. Após a discussão oral, escrita e desenho das regras das brincadeiras, a turma saiu para o recreio, na volta à sala a turma em alvoroço e uma estudante chorando, e todos/as falando ao mesmo tempo, após acalmar a turma pedi para quem quisesse falar que levantasse o braço uma pessoa por cada vez – um estudante diz: ”- essa menina não sabe brincar sempre briga” (ESTUDANTE A). Após cada estudante fazer suas considerações, voltamos à discussão das regras das brincadeiras e suas consequências e afirmaram “se não seguir as regras tem que sair da brincadeira; só volta a participar se aceitar as regras”.

Texto: regras do futebol /desenho

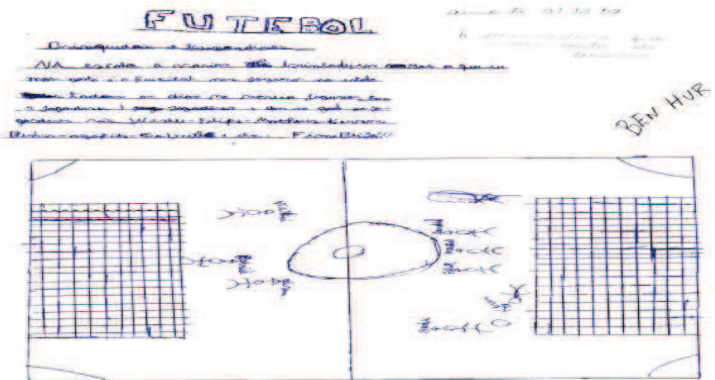


Foto 03 do estágio fonte direto arquivo de campo (NACIMENTO, Claudia, 2010)

2. Na discussão sobre as brincadeiras outra estudante disse: “- eu jogo bola com meus irmãos” (ESTUDANTE B); então outro um estudante respondeu: “- menina não pode jogar bola” (ESTUDANTE C); um terceiro diz: “- pode sim, menina pode até ir para o exército e ser policial” (ESTUDANTE D).

3. Outra ilustração interessante pode ser notada no exemplo a seguir. Um estudante me pediu um fantoche e mostrou para toda turma dizendo com muita alegria: “- fui eu que fiz” (ESTUDANTE E).

Estudante que se escondia atrás do fantoche para não ser fotografada



Foto 04 do estágio fonte direto arquivo de campo (NACIMENTO, Claudia, 2010).

4. Outro estudante diz: “- o meu fantoche ficou muito feio, o dele é mais bonito” (ESTUDANTE F).

Comportamentos como os descritos resultavam em atitudes de distanciamento, silenciamento e indiferenças interpessoais, que apontam para a necessidade de investigação de suas causas. Vinha (2009) adverte que

Precisamos ir às causas dos conflitos, e a solução tem que representar princípios de justiça. [...] seja assertivo [...] ter uma escola preocupada em ensinar a lidar com o conflito, com o público e o privado, com as relações humanas, é um direito dos alunos. (VINHA, 2009, p. 3).

Atitudes que provocaram um clima de apatia entre os/as estudantes dificultavam o procedimento de reuni-los em duplas, pois muitos se sentiam excluídos e isolados em sala de aula diante do preconceito gerado pelos seus pares. O que fazer diante desses comportamentos? Vinha diz:

Escolas erram ao simplesmente conter ou punir as desavenças impede-se a aprendizagem é pelo conflito que se aprende é preciso fazer que os alunos entendam a extensão dos danos que causam com atitudes que não levam o outro em consideração. (VINHA, 2009. p. 1).

As atitudes agressivas provocaram o isolamento, demonstrado no comportamento de negação quando alguns recusavam sair nas fotos com o grupo, outros se escondiam na parte de trás da sala porque não queriam narrar suas experiências cotidianas. Outros/as se comportavam com indiferenças e não interagiram.

Houve caso em que alguns se apropriaram das atividades dos/as colegas, as rasgavam ou escondiam as produções para que ninguém visse ou elogiasse. Outros/as demonstravam

baixa autoestima evidenciada por meio de resistências, quando mencionavam que não sabiam e nem queriam fazer, nem tão pouca apresentá-las. Atitudes como negação, autodesvalorização, resistência, indiferença foram apontadas com maior frequência nos relacionamentos interpessoais.

Todas essas situações exigiram diálogo frente às diversidades multiculturais em sala de aula, cuja perspectiva passou a ser trabalhada com mais intensidade, sempre lembrando a/ao estudante que tivesse uma atitude pouco ética: “- você gostaria que alguém fizesse isso com você? a atitude tomou contribuiu para uma boa convivência? E o que precisava ser feito?” (ESTAGIÁRIA). Diante de questionamentos como esses o/a estudante implicado/a justificava sua atitude: “- foi ele que mexeu primeiro comigo!”

– Te dá direito de bater? Perguntava.

– “é eu poderia ter falado com a professora para ela conversar com ele”, retrucava o aluno.

– Como você se sentiria se fizessem isso com você? o/a colega como está se sentindo?

Ilustrações como as citadas me levavam a aproveitar o contexto da turma para discutir regras de convivência em grupo. A partir dessas reflexões das regras escolhidas pela turma, para a boa convivência com os/as colegas de turma precisaria de respeito, amor, responsabilidade, solidariedade, cooperação, agradecer, pedir desculpas, não agredir verbal ou física.

Nestas ocorrências verifica-se que os/as estudantes com seus conflitos quando mediados se beneficiam de aprendizagem que proporciona uma boa relação entre os pares, cria novas alternativas possibilidades de vencer o distanciamento, o silenciamento, o isolamento, a negação, a resistência e a exclusão, estabelece - se decisão, resolve os conflitos com socialização e cooperação e se percebe os seus próprios sentimentos os direitos e deveres, forma-se conceitos ao internalizar as regras lúdicas para viver e conviver socialmente.

No momento dos fatos incididos foi passível da mediação de conflitos com as aprendizagens da OE, com o esforço para aprendizagens sem “conter ou punir”, mas levar a reflexão das atitudes para o desenvolvimento humano.

No cotidiano escolar da sala de aula, além de estar o compromisso do ensino aprendizagem, também perpassa a relação de convivência manifestada durante as atividades em classe. Chrispino afirma que

As escolas que valorizam o conflito e aprendem [...] com essa realidade, onde o diálogo é permanente objetivando [...] o currículo considera as oportunidades para discutir soluções alternativas para os diversos exemplos de conflitos [...] Em síntese devemos ser explícitos naquilo que esperamos dos estudantes e naquilo que nos propomos a fazer. (CHRISPINO, 2007, p.23)

Tal perspectiva considerou as propostas da pedagogia da convivência como o ensino da cooperação, do diálogo, da solidariedade, do respeito, que estimulou e proporcionou maior aproximação entre os/as estudantes por meio da qual foi possível verificar a quebra de barreiras nos relacionamentos.

Após a exposição de situações educativas envolvendo o diálogo e a discussão junto os/as estudantes, baseada em textos temáticos voltados a realidade das diferenças individuais, sociais, culturais e que diante delas, todos devem respeitar, percebemos um maior envolvimento entre os/as estudantes.

Assim, verificou-se que a maioria da turma foi estimulada a praticar a solidariedade, pois as duplas foram formadas e conseguiram fazer a produção gráfica, a confecção de fantoche e a narrativa lúdica sobre os brinquedos e brincadeiras. Logo se percebeu maior socialização entre os pares.

No momento de construir os fantoches percebi que houve mais cooperação, no sentido de combinarem mutuamente a estética dos fantoches que mais se aproximassem de sua realidade lúdica, a exemplo do fantoche jogando bola, soltando pipa, modelo, com carinho, com barquinho, com cantor, com celular, comendo pizza, entre outros, situações em os/as alunos/as enfrentaram as múltiplas diferenças (sociais, linguísticas, cor, religião, físicas, emocionais) e, por meio do diálogo, elas foram sendo desconstruídas com a assimilação das atitudes de respeito.

Assim, a partir de um trabalho de investigação, intervenção e atuação, verificou-se a desconstrução de problemas interpessoais de enfrentamentos verbais entre estudantes face às diferenças multiculturais Freire, (1996), manifestadas nos relacionamentos face-a-face em sala de aula, a exemplo da indiferença, do isolamento e do silenciamento.

Acredito que quando se usam práticas educacionais contextualizadas se torna possível à descoberta de formas de articulação e difusão de saberes que contribuem com a formação do ser humano, sendo fundamental que todos os Componentes Curriculares tenham esta preocupação, para que os/as estudantes possam crescer e se desenvolver em uma sociedade mais justa e de moderação nos relacionamentos interpessoais.

Significa dizer que um curso de formação de professores/as não pode omitir-se nos relacionamentos interpessoais frente às questões da diversidade, presentes de forma cada vez mais intolerante inclusive nas salas de aula (RODRIGUES, 2009). Portanto, há uma necessidade dos cursos de formação inicial programar componente curricular específico para a mediação de conflitos em sala de aula, pois, estamos sendo formados/as para atuarmos em escola ideal e não na real.

Frente às transformações sociais, é necessário se que discutam eixos temáticos relacionados à convivência humana em meio às diferenças, com vistas a desconstruir indiferenças, o isolamento, o silenciamento, comportamentos estes que se contrapõem à cultura de paz, se desejar conviver com as diversidades, sob a insígnia da inclusão do ser.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de estágio foi definido a partir de uma solicitação da escola municipal citada, que naquele momento do segundo semestre de 2010 sinalizou para a implementação de uma proposta que contemplasse o desenvolvimento de ações que possibilitassem repensar as diferenças nos relacionamentos interpessoais, em sala de aula.

A experiência esteve voltada ao debate e a compreensão das relações estabelecidas entre a experiência e prática, fundamentada com o referencial teórico-histórico-metodológico integrado à formação do/a Orientador/a Educacional, aplicável ao contexto escolar, sobretudo à sala de aula.

A ação de pensar nos atos dos/as estudantes em meio a agressividades verbais e físicas, geradoras de bullying, e nas atitudes de indiferença, isolamento e silenciamento de determinado grupo de estudantes deve mobilizar a atenção de toda a comunidade escolar, particularmente da Orientação Educacional. Entendo que é preciso estar conciliando as ofensivas verbais e físicas entre os/alunos/as, compreendendo que a formação de valores também se constitui em conteúdo a ser ensinado na escola, sempre que houver necessidade.

Cada vez mais é necessário que a escola assuma o papel educativo antes destinado às famílias, que eram responsáveis por ensinar os valores aos filhos; hoje, com os novos formatos que vão ganhando as famílias, é possível identificar lacunas da educação familiar exigindo por parte da escola uma maior atenção para que esta venha a contribuir não só com a aprendizagem formal e sistematizada dos/as estudantes, mas também por meio de práticas e difundir saberes para o desenvolvimento humano.

As ações trabalhadas visaram à boa convivência na sala de aula, com valorização do individual e do coletivo no sentido da comunicação interpessoal. Nessa perspectiva, o trabalho voltou-se para a pedagogia do cuidado.

As aprendizagens que emergiram do contexto do estágio, foram significativas e reflexivas ampliou as possibilidades com um novo olhar para a escola e sobre a ação da OE. A reconstituição dos relacionamentos e do conhecimento no processo educativo em sala de aula é uma necessidade constante que norteiam a ação do/a Orientador/a Educacional partir de suas experiências e atribuições de referência e cultura própria da profissão que atende estudante individual e em grupo e orienta para o desenvolvimento integral, respeitando os interesses e expressões e que a escola precisa dar significação as suas ações.

Outro aspecto que foi considerado no estágio é que o “conflito é natural” inerente a vida humana, fato esse que se estende à escola. Entende-se que quando há intervenção abrem-se possibilidades de aprendizagem e de convivência e pode-se atender a diferentes questões que, sem a mediação e orientação, pode gerar crise e ou violência.

Nos relacionamentos escolares, necessita-se de uma abordagem reflexiva entre os/as envolvidos/as, sem conter ou punir, respeitando sem críticas destrutivas, de modo que a pessoa agitada reflita sobre a sua atitude e a quieta fale das afrontas. Acredito que com a mediação alcança-se resultados de mudança de comportamentos.

É preciso reflexão, debates discussões, de enfrentamento dessa nova realidade social. O que fazer? E como fazer? Se de um lado não se pode coibir o ser criança em fase de desenvolvimento natural, como mediar conflitos? Agressões que a partir de um trabalho de investigação, intervenção e atuação, aponta caminhos para desconstruir as insensibilidades interpessoais de enfrentamentos verbais entre estudantes face às diferenças multiculturais (FREIRE, 1996), manifestadas nos relacionamentos face-a-face em sala de aula.

Quais as práticas educacionais que se pode articular? Como difundir saberes que contribuam com a formação do ser humano? É fundamental que todos os componentes curriculares tenham esta preocupação, para que o profissional da educação possa crescer e desenvolver-se numa sociedade que se invista nos relacionamentos interpessoais. Pensar dessa forma significa dizer que um curso de formação inicial de professores/as não pode omitir-se frente às questões da mediação de conflitos manifestadas nas salas de aula, pois é esta a realidade que o os/as professores/as encontrarão na prática docente.

Há, sim, necessidade de debates específicos que discutam eixos temáticos relacionados à convivência humana frente às diferenças, com vistas a desconstruir indiferenças o isolamento e o silenciamento. Tais comportamentos se contrapõem a cultura de paz, que busca conviver com as diversidades e propõe a inclusão e valorização do ser humano em seus diferentes modos de ser, agir e pensar, por fim é também papel do/a Orientador Educacional efetivar essas ações em busca de estreitar os laços através do dialogo e respeito.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **O brincar na Educação Infantil**. 2005. Disponível em: <[HTTP://efartigos\\_atSPACE.Org/efescolar/artigo39.html](http://efartigos_atSPACE.Org/efescolar/artigo39.html)>. Acesso em: 25 nov. 2010.

ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. Martin Claret. 2001.

BRASIL. Decreto. **Legalização profissional da Orientação Educacional**. Nº 72.846, de 26 de setembro de 1973, que regulamentou a lei 5. 564 de 1968.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAMARA. De Conciliação e Arbitragem da Paraíba. **Mediação de conflitos**: EPM e TJ. Disponível em: <http://www.ccapb.blogspot.com>. Acesso em: 14 jun. de 2012.

CAMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Estatuto Municipal dos Servidores**. Lei Geral nº 2.378. Título- II do capítulo I, Artº 5º, de 07 de janeiro de 1992.

\_\_\_\_\_. Lei complementar nº 036. Capítulo Único do **Plano de Carreira e Remuneração do Magistério Público Municipal de Campina Grande**. Elenca as atribuições do/a orientador/a educacional no Artº 48. 08 de abril de 2008.

CAPORALI, Renato. A escola de valores humanos: uma crise de referências. In. **Ética e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Ensaio: aval. pol. educ, Rio de Janeiro, v.15, n.54, p.11-28, jan/mar. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a0v155.pdf>. Acesso em jun de 2012.

DELORS, Jacques. Os quatro pilares da educação – pistas e recomendações. In: **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação Para o Século XXI. São Paulo: Cortez; DF: MEC, 2003.

EDLER, Carvalho Rosita. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre, RGS: Mediação, 2004.

ELIAS, Maria Del Cioppo. **Célestin Freinet**: uma pedagogia de atividades e cooperação. Petrópolis. RJ: Vozes, 1997.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FONSECA, Francisca Nágliá; COSTA, Luciana Benevides. Mediação no âmbito escolar. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 83, dez. 2010. Disponível em [http://www.ambito\\_juridico.com.br...artigos\\_leituracaderno21](http://www.ambito_juridico.com.br...artigos_leituracaderno21). Acesso em jun. 2012.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transferir conhecimento. In: **Pedagogia da Autonomia**. 40 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender** – o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GRINSPUN, Miríam Paura Sabrosa Zippin (org.), CARVALHO, Maria Tereza de. **A prática dos orientadores educacionais**: a orientação educacional de 1ª a 4ª séries – a trajetória de uma experiência cheia de acertos e erros. Cortez, São Paulo, 1994, p 35-66.

\_\_\_\_\_. **O espaço filosófico da Orientação Educacional na realidade brasileira**. – Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

\_\_\_\_\_. **O papel da orientação educacional diante das perspectivas atuais da escola**. – São Paulo. Cortez, 2003.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Uma escola para a paz: a educação em tempos de violência**. **Prospectiva** revista de orientação educacional. Porto Alegre – RGS: Polygraf – Serviços Gráficos, 27 – 2002/2003. P. 13-24.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa versão 3.0 mono usuário**. Rio de Janeiro – RJ; Objetiva, 2009.

JARES, Xesús R. **Educación para la paz**: 2ª Ed. Madrid: Editorial Popular, 1999. P. 192.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da convivência**. Tradução Elisabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

KANT, Emmanuel. **Á paz perpétua**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1989.

LÜCK, Heloísa. **Planejamento em orientação educacional**. 13ª Ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1991. P. 81 – 99.

MALUF, A.C. Munhoz. **Brincar**: prazer e aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARTÍN, Sebastián Sánchez. **História da educação no Brasil**. Campina Grande, PB, 2007.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de A. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. Disponível em: HTTP: [www.google.com.br/...nografica+na+investigação+...uerj](http://www.google.com.br/...nografica+na+investigação+...uerj) 2001. Acesso em: 2 jun. 2012.

MELO, Sonia Maria Martins. **Orientação educacional do conselho do conflito**: orientação educacional: experiência viva do pensamento liberal revisão da classificação. Papirus, Campinas- São Paulo, 1994, p 49-78.

NASCIMENTO, Claudia. Componente Prática –IV de Orientação Educacional. Agosto – dezembro de 2010. (**Anotações de sala de aula e campo**).

NÉRICE, Imídeo Giusepe. **Introdução à orientação educacional**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1980.

NEVES, Maria Aparecida C. Mamede (org.), 1986. A orientação educacional permanência ou mudanças. In: **A orientação educacional e o planejamento**. PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Petrópolis. RJ: Vozes, 1986, p. 71 – 88.

PIMENTA, S.G.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em educação possibilidades investigativo-formativas da pesquisa–ação**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**. 5ª-Ed – São Paulo: Cortez, 2010, (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

PORTO, Olívia. **Orientação educacional: teoria, prática e ação**. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

\_\_\_\_\_, Janine Marta Coelho. **A formação do (a) professor (a) frente à Diversidade**. (org.) Robert Jarry Richardson, João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A pedagogia do ser: educação dos sentimentos e dos valores humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SENADO FEDERAL. PL 94 – versão julho de 2006 – Emenda nº 1 – CCJ / substitutivo ao **projeto de lei da câmara nº 94, de 2002, institucionaliza e disciplina a mediação, como método de prevenção e solução consensual de conflitos na esfera civil, e das outras providências**. Disponível em: <http://www.legis.senado.gov.br...legislação textual>. Acesso em jun.2012.

SHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. e [et al] **Os gêneros orais e escritos na escola**: Campinas, SP. Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Maria Alice Setúbal Souza (coord.). **A escola e sua função social – raízes e asas**- Centro de Pesquisa Para Educação e Cultura. São Paulo, SP: CENPEC, 1994.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VINHA, Telma. **O conflito essencial**. In: Revista educação. Disponível em <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos...> Acesso em jun. de 2012.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

# APÊNDICES

**A - CRONOGRAMA / 2010**

AÇÃO PROPOSTA.	DIA	SET	OUT.	NOV.	DEZ.
RECONHECIMENTO DA ESCOLA.	29	X			
ACOLHIDA E RECONHECIMENTO DA TURMA.	06		X		
FORTALECER PERCEÇÃO DA AUTO IMAGUEM DE SI E DOS/AS OUTROS/AS	13		X		
PROMOVER SITUAÇÕES DIDÁTICAS QUE SUSCITEM ATITUDES DE COOPERAÇÃO E SOLIDARIEDADE.	20		X		
SENSIBILIZAR O RESPEITO, COOPERAÇÃO E O DIÁLOGO.	27		X		
CONSIDERAR AS DIVERSIDADES CULTURAIS TENDO EM VISTA DESCONSTRUIR PRECONCEITOS.	03			X	
EXERCITAR A PRÁTICA DE HÁBITOS SOCIAIS SAUDÁVEIS.	10			X	
REFLETIR SOBRE DIREITOS E DEVERES; QUAL A POLÍTICA DISCIPLINAR DA ESCOLA.	17			X	
REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DAS VIRTUDES PARA A CIDADANIA.	24			X	
RECONHECER A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO PARA UMA BOA CONVIVÊNCIA.	01				X

## B - CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

ATIVIDADES REALIZADAS	2010					2011					
	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J
	G	E	U	O	E	A	E	A	B	A	U
	O	T	T	V	Z	N	V	R	R	I	N
DISCUSSÃO E APORTE TEÓRICO	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ENCONTROS SEMANAIS COM A ESCOLA CAMPO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA IV E EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES			X	X	X		X	X	X	X	X
APRESENTAÇÃO ORAL DAS TEMÁTICAS TEÓRICAS ABORDADAS	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X
CONSTRUÇÃO DO RELATÓRIO			X	X	X		X	X	X	X	X
ENTREGA DO RELATÓRIO FINAL											X

## C - SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: TEMA GERADOR BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

### 1ª aula 10.11.2010

- =Apresentação do tema gerador brinquedos e brincadeiras;
- =Levantamento coletivo sobre brinquedos e brincadeiras /quem tem brinquedos? onde brincam? Como brincam? Com quem brincam? Quem brinca? Regras das brincadeiras?
- =O que é brinquedo? brincadeira? Diferenças entre brinquedos: que se constrói, compram e industrializado;
- =Listagem no quadro dos brinquedos e das brincadeiras, oportunizando escrita a dos/as estudantes e
- =Representação gráfica/pintura dos brinquedos/brincadeiras pelos/as estudantes.

### 2ª aula 17.11.2010

- = Confecção de fantoches com vários personagens e
- =Socializar contar entre os/as estudantes de que brincam? Como brincam? Onde brincam?
- =quem brinca? Regras das brincadeiras? Por meio dos fantoches.

### 3ª aula 24.11.2010

- = Produção textual do gênero narrativo e

=Produção textual: estrutura do texto por que gosta de brincar? De que brinca? Com Quem brinca? Como brinca? Quanto tempo brinca? Com ilustração gráfica.

#### **4ª aula** 01.12.2010

=Leitura do gênero textual narrativo;

=Leitura entre os/as estudantes /silenciosa, em voz alta e discussão espontânea e

=Reescrita dos textos dos/as estudantes em grupo /apontar palavras diferentes.

#### **Realização das atividades do tema gerador: brinquedos e brincadeiras**

##### **1ª aula** – Dia: 10/11/10

=Apresentação do tema gerador: brinquedos brincadeiras conversa espontânea, os/as estudantes narraram o sonho do mundo dos brinquedos e brincadeiras. Seguindo as etapas:

1ª etapa quem tem brinquedos? Aonde brincam? Como brincam? Com quem brincam quem brincam? Regras da brincadeira? Registro no quadro, representação gráfica/pintura.

2ª etapa a turma com muita vivacidade diferenciaram brinquedos e brincadeiras; brinquedo são objeto que pode ser construído/comprado/industrializado e brincadeira é para divertir, e disseram que tem os brinquedos: bola, boneca, dominó, bicicleta, caminhão, pipa, vídeo game, play station, corda, carreta, robô e carta entre outros.

3ª etapa Aonde brinca? Em casa, na escola, no parque, na rua, no campo, na quadra, no parque da criança, no campo do campinense, em qualquer lugar.

4ª etapa Como brincam? Andando, correndo, pulando, jogando, teclando, bombeando, bailando, dançando, pedalando, empurrando, empinando, puxando, controlando, tateando, pegando, com as mãos, com os pés, com a cabeça e enfileirando.

5ª etapa Com quem brincam? Irmãos/ãs, amigos/as, primos/as, professores/as, colegas, sobrinhos/as, pais, mães, avós/ôs, tios/as, vizinhos/as, desconhecidos/as.

6ª etapa Quem brinca? Meninos/os, adultos e idosos.

7ª etapa Regras das brincadeiras: toda brincadeira tem sua/as regra/as específica. Vamos exemplificar as mais apontadas pelos/as estudantes

1ª regra jogar o esporte futebol: em campo, quadra ou praia, a duração é 90 min., dividida em duas partidas de 45 min. o de futebol são compostos dois times, técnico, goleiro, juiz, bandeirinha, jogadores, e o banco de reservas, regras não podem jogar com as mãos, mas com os pés driblando até fazer o gol na rede do outro time;

2ª regra cobra cega é escolhido/a quem vai ser a cobra cega, são vendados seus olhos com um pano vai tateando para pegar as outras crianças;

3ª regra toca é o escolhido corre para pegar as crianças, quem é pego/a substitui o toca. 4ª regra polícia e ladrão o ladrão ao ser pego pela polícia é preso;

5ª regra pular cordas é necessárias três pessoas duas bombeando a corda e uma pulando ao errar são substituídas;

6ª regra passa anel, à criança escolhida passa o a anel, escolhe uma criança para responder com quem está o anel? Ao acertar será o/a passador/a de anel,

7ª regra baleada é composta por dois grupos, uma bola, os lados são divididos ao meio, os componentes tentam se balear vence quem tiver menos baleado.

## **2ª aula – Dia 17/11/10**

1ª etapa Confeção de fantoches com vários personagens;

2ª etapa apresentação e socialização através da manipulação expressando sentimentos emoções, potencializando o respeito interpessoal, desmitificando as diferenças de gênero, étnico-raciais e desconstruindo o bullying, e valorizando o respeito para as interações e relacionamentos sustentáveis no cotidiano.

Materiais usados: saco de papel reciclado, revista, cola, lápis, hidrocor e tesoura. A apresentação foi baseada com o tema brinquedos e brincadeiras citados acima.

## **3ª aula – Dia 24/11/10**

1ª etapa produção do gênero textual narrativo carta, dirigida a diversas pessoas: convidando amigos/as para brincarem, pais, mães, avôs/os, tios/as, governador, professora, prefeito, diretora da escola, papai Noel, entre outros/as solicitando brinquedos e brincadeiras e ou espaços para brincarem. Em geral o teor da carta seguiu a sequência:

= Porque gostam de brincar: Desenvolve o conhecimento, é bom para a saúde, anima, diverte, alegre, ficar feliz, é esporte, exercita todo corpo, ajuda os/as outros/as.

= Brincam de: pular corda, corrida, futebol, vôlei, baleada, esconde-esconde, toca gelo, toca parede, jogar, jogo no computador, desenhar, pintar, escolinha, chá, futsal, polícia e ladrão, passa anel, luta, dançar, pista de carro, esporte, toca ajuda, toca corrente, boneca, carrinho, toca alto, toca parede, anel, polícia e ladrão, cobra cega, futebol, luta e baleada, OBS. Os outros tópicos estão elencados acima.

= Quanto tempo brinca? O dia todo, à tarde, de manhã, à noite, até cansar, até acabar o recreio; e ou varia de: 25 min., 30 min., 1h, 4h, 5h, 6h e 7h.

## **4ª aula – 1/12/10**

1ª etapa leitura do gênero textual narrativo entre os/as estudantes ( silenciosa, em voz alta, e discussão espontânea).

2ª etapa reescrita dos textos em grupo, apontar palavras diferentes e avanço da escrita.